

A CRIATIVIDADE EM GEOGRAFIA, PRÁTICA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÃO: LANTERNAS GEOGRÁFICAS

(The creativity in Geography, practical pedagogical and evaluation: geographic lanterns)

RESUMO

O trabalho realizado especifica uma abordagem diferente sobre a criatividade, a prática pedagógica e a avaliação. Sabemos dos riscos empreendidos no diferente, mas é necessário quando pretendemos realizar algo novo. Para a realização desse trabalho apostamos na construção da avaliação, pautada no processo de criação. O conteúdo é pesquisado e depois materializado num objeto que de significado ao tema estudado, fazendo com que os alunos trabalhem por associação. Os materiais utilizados são aqueles encontrados no cotidiano. Na obra em questão, os alunos utilizaram de quatro fotos preto/branco tiradas em campo que contextualizassem a saúde na cidade, com uma abordagem crítica referendadas nas contradições do espaço. A apresentação/avaliação deu-se na forma de instalações nos corredores da universidade, levando o público a refletir sobre o tema abordado. O encontro com novas práticas pedagógicas que levem a desvendar outra metodologia de avaliação, pode nos levar ao encontro de um novo processo de ensino aprendizagem, baseado no teórico/ prático sem esquecermo-nos da manifestação criativa.

Palavras-chave: Avaliação; Prática Pedagógica; Instalações; Arte; Geografia; Educação.

ABSTRACT

The carried through work specifies a different boarding on the creativity, practical pedagogical and the evaluation. We know of the risks undertaken in the different one, but it is necessary when we intend to carry through something new. For the accomplishment of this work we bet in the construction of the evaluation, based in the creation process. The content is searched and later materialized in an object that of meaning to the studied subject, making with that the pupils works for association. The used materials are those finding in the daily one. In the workmanship in question, the pupils had used of four photos black/white taken off in field that contextualizassem the health in the city with a critical boarding authenticated in the contradictions of the space. The evaluation /presentation dog if gave in the form of installations in the corridors of the university leading the public to reflect on the boarded subject. The meeting with new practical pedagogical that leads to unmask another methodology of evaluation, can in them take to the meeting of a new process of education learning, based on the practical theoretician without forgetting itself the creative manifestation.

Key Words: Evaluation; Practical Pedagogical; Installations; Art; Geography; Education.

Emerson Ribeiro

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo e professor assistente do departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri (URCA)
Rua Cel. Antônio Luis, 1161 - Pimenta -
CEP: 63105-00 - Crato (CE) - Brasil
Tel: (+55 88) 3102 1212 - Ramal: 2316
emerprof@hotmail.com

EXÓRDIO

O trabalho apreendido é resultado das aulas de prática de ensino em estágio supervisionado na Universidade Regional do Cariri-URCA. A visão abarcada pretende transcender o estabelecido, o concebido, ir de encontro com o vivido fazendo a leitura do espaço, do lugar, na região do cariri, compreendendo a cidade além de suas aparências e representações.

Nesse percurso exploramos a criatividade em Geografia, sendo o resultado dessa prática utilizada, manifestada em uma avaliação por instalações. Assim, essa forma de avaliação se constrói pautada nos conceitos geográficos e na arte para que não fique aprisionada apenas à verbalização dos conceitos e termos, buscando alcançar, pela mediação da arte, a superação do entendimento dos fenômenos que fazem parte do processo de ensino aprendizagem materializando-se na prática social-espacial.

A avaliação por instalações geográficas se dá na forma e conteúdo, ou seja, pelos conceitos apreendidos e estimulados pelo professor e o meio sócio-espacial. Essa avaliação parte da proposta do professor em materializar o conteúdo ensinado aos alunos e para que a aprendizagem se realize pela avaliação construtiva¹.

O tema avaliação nos últimos anos vem sendo tratado com certo distanciamento na geografia, por ser um tema polêmico na escola e na Universidade, em função das mudanças que vem ocorrendo não só na concepção de aprendizagem como no sistema educacional. Ainda hoje encontramos a avaliação com característica para aferir apenas a memorização, tratando de “fatos e datas históricos, cópia de mapa, etc.” Baseado apenas na memorização e na repetição, base do ensino tradicional que custa a ser rompido pelo sistema educacional, como um todo.

Para a ruptura do exposto, acreditamos no processo pedagógico que abarca a criatividade em geografia e a avaliação por instalações geográficas que tratam do cotidiano no plano do vivido. Assim, enfoca-se o teórico e a prática alimentados pela pesquisa, a capacidade de observação, descrição e análise dos espaços e sua representação, o domínio de várias linguagens possíveis de serem usadas pela Geografia para que o aluno domine os conhecimentos geográficos.

O ASSOMBRO- CRIATIVIDADE EM GEOGRAFIA

Todo processo de criação, resulta em uma ruptura. Porém, toda ruptura não resulta num processo criativo duradouro, sem que tenha elementos teóricos fortes contidos em sua própria idealização.

Desde que comecei a pesquisar esse tema, a avaliação e a criatividade perpassando pela prática pedagógica, que desenvolvia em minhas aulas no ensino fundamental e médio, optei por desenvolver a construção da avaliação partindo de práticas pedagógicas pensando a arte e a geografia em conjunto para a formação de professores na URCA.

Portanto, para compreender a criatividade e o processo de criação alguns estudos são necessários, o ato criativo não surge do nada, não é inato, ele é construído, é parte de um processo que se traduz numa obra, seja de arte, livro ou em novas descobertas científicas, são elementos que compõem o espaço social e a natureza, que se dá no plano do vivido. Este como elemento do cotidiano que se faz presente em obras de arte na construção de uma cidade, em aberturas de estradas, construção de usinas hidrelétricas,

¹ RIBEIRO, Emerson. AVALIAÇÃO OU PESCARIA? - POR UMA DISTINTA POSSIBILIDADE DA APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS. Texto apresentado no enpeg 2011, na UFG. Goiânia.

portos, os mais variados equipamentos urbanos ou rurais, esses projetos o qual o homem idealiza necessita de inspiração, de estudo, do pensar, do ato de intuir, de um momento que agregue uma totalidade, como nos aponta Lefebvre².

Ninguna obra – ni la obra de arte propiamente dicha, ni la ciudad y la segunda naturaleza, etcétera – puede realizarse sin reunir todos los elementos y momentos, sin constituir una totalidad. Así en toda obra encontramos un momento técnico y un momento de la seriedad, un momento social y un momento extrasocial, etcétera.

O ato de criar, a obra em si, realiza-se diante de um momento do ato criativo, este inserido num momento social, temporal-histórico que se realiza no espaço. A obra como construção passa pela técnica, pelos sentidos que³

Implica el juego y lo que está en juego pero es algo más y es otra cosa que la suma de esos elementos, de esos recursos, de esas condiciones y circunstancias. Propone una forma, que tiene un contenido multiforme sensorial, sensual, intelectual con predominio de tal o cual matiz de la sensualidad o de la sensibilidad, de tal o cual sentido, de tal o cual técnica o ideología, pero sin que esse predominio aplaste los demás aspectos o momentos.

Para a criação temos uma forma, um conteúdo, que exige recursos e condições para o momento do devir, esta forma, antes de se realizar passa pela sensibilidade, pelo toque, pelo intelecto, pelo ato de intuir que se faz presente no cotidiano que muitos intelectuais desprezam, é preciso ter um olhar mais preciso para o cotidiano para o vivido.

Muitos autores tratam desse tema a criatividade, mas poucos autores abordam esse tema na Geografia. Para Eduardo Yázigüi “mundo tão complexo como é o nosso de hoje, a criatividade é um desafio cotidiano para a solução de problemas”, assim como o mundo é complexo, o conceito de criatividade, é amplo, abstruso, difícil de definir, é plural em muitas formas, na música, poesia, uma obra, um livro, no artesanato e não somente, de produzir algo diferente, inovador, novo, mas também de sentir, refletir, intuir, emocionar, atribuir significado e estabelecer relações. Tal processo requer ter ideias próprias, senti-las e ser capaz de comunicá-las de alguma forma.⁴

Na obra de Nunes e Silveira⁵ é apresentado algumas definições de criatividade, propostas por pesquisadores da área que permitirão uma compreensão melhor do tema, como:

Criatividade é a decisão de fazer algo pessoal e valioso para satisfação própria e benefício dos demais, (...) saber utilizar a informação disponível, tomar decisões, ir além do aprendido, mas, sobretudo, saber aproveitar qualquer estímulo do meio para solucionar problemas e buscar qualidade de vida (LA TORRE, 2003, p.17)

Criar é basicamente formar. E poder dar forma a algo novo (...) o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 1996).

A criatividade como define o Webster, é basicamente o processo de fazer, de dar a vida (MAY, 1982, p.39).

² LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. Pg.222.

³ LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia*. México: Fondo de Cultura Económica. pg. 222.

⁴ NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, Rosemary do N. *Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos*, 2009. pg. 138.

⁵ Idem, pg. 139-140.

Capacidade distinta de solução de problema que permite, às pessoas, ideias, produtos originais que são adaptáveis (que servem a uma função útil) e plenamente desenvolvidos (DAVIDOFF, 1983, p.498).

O ato de criar a criação em si nos mostra várias facetas, como os conceitos acima colocados, que estão relacionados aos processos cognitivos e afetivos. “Em seu conjunto, deixam entrever a criatividade como processo eminentemente humano, que possui uma intencionalidade, um caráter transformador, subjetivo, ético, original, social e emocional.”⁶

A pluralidade de ideias, as várias faces, o agir para o encontrar, faz do homem um perguntador, o ato de criar passa pela história remota do homem. Quer seja transformando a natureza e se transformando, inventando novas técnicas, construindo as relações de produção no espaço, criando uma dinamicidade, relacionada ao desenvolvimento pessoal, social, cultural e científica de uma sociedade. Mas como isso surge, como dá esse processo de criação?

Há muitos estudiosos nesse campo como nos aponta Nunes e Silveira⁷ em que Ribot em 1900 propôs modelo para o processo de criação, John Dewey em 1910 pesquisou essa área, mas o matemático Inglês do século XIX, Henry Poincaré que estabeleceu os quatro passos básicos para a solução criativa de problemas, que até os dias atuais têm sido citados pelos autores da área (GOLEMAN; KAUFMAN E RAY, 1992). Esses passos não são lineares, mas sim, dinâmicos, interativos e singulares em cada indivíduo.

1ª etapa- **Preparação:** está relacionada à imersão consciente, inicial, que a pessoa faz para encontrar a solução do problema com o qual se depara. É o momento de ser receptivo e saber ouvir. Por isto, gera certa tensão, expectativa frente ao que está por vir. É a etapa da mobilização interna para expandir limites e ir além do que já se sabe sobre o tema. Por isto, muitas vezes esse período traz angústia, vazio e até bloqueio.

2ª etapa- **Incubação:** é o momento de amadurecer, de gestar as idéias concebidas na etapa anterior. É hora de esperar, distanciando-se um pouco da obra, do projeto a ser criado ou do problema a ser solucionado.

3ª etapa-**Iluminação (Insight):** é o momento em que a resposta para o problema ou para a obra desejada surge repentinamente. É quando encontramos uma solução ou um caminho. Contudo, ainda estamos no campo do pensamento, e não do ato criativo propriamente dito.

4ª etapa-**Aplicação/Verificação:** é o momento de dar forma à idéia, transformá-la em uma ação. É uma etapa que exige grande elaboração, afinal, estaremos criando algo para nós e para os outros.

O ato criativo não tem um tempo definido, dependendo da proposta, da obra ou do problema, pode levar horas ou anos para a realização do ato criativo.

Ainda, para entender a criatividade e como ela se manifesta Yázigi nos traz outro autor, Arthur koestler que trabalha com o sistema bissociativo⁸ em que suas ideias são formuladas da seguinte maneira;

O pensamento ordenado e disciplinado é uma habilidade governada por um conjunto de regras do jogo, algumas das quais são explicitamente declaradas, outras implícitas e escondidas no código. O

⁶ NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, Rosemary do N. Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos, 2009. pg.140.

⁷ NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, Rosemary do N. Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos, 2009.pg. 140-141.

⁸ YÁZIGI, Eduardo. Abdo. Milton e a criatividade. In: Maria Adélia Aparecida de Souza. (Org.). O MUNDO DO CIDADÃO. O CIDADÃO DO MUNDO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996. pg. 399.

ato criativo, tanto quanto dependa de fontes inconscientes, pressupõe um relaxamento dos controles e uma regressão a modos de concepção que são indiferentes às regras da lógica verbal, imperturbáveis pela contradição, intocáveis pelos dogmas e tabus do chamado senso comum. No estágio decisivo da descoberta, os códigos de pensamento disciplinado são suspensos- como o são os sonhos, os devaneios e o vôo maníaco de pensamento, quando o córrego da ideação fica livre para deslizar através de sua própria gravidade emocional, numa aparente “irregularidade”. Tudo isso se dá a partir do que o próprio Koestler chama de “pensar de lado” ou pensamento lateral, que outros autores acabaram cognominando de “pensamento selvagem”.

Para compreendermos a tese de Koestler, o que ele chama de sistema bissociativo, que é baseado em três manifestações do psiquismo criativo: o rir, a descoberta e a arte. Machado nos dá um exemplo emblemático utilizado por Koestler⁹.

Na Grécia clássica, o tirano de Siracusa havia recebido como presente uma coroa de ouro, porém, como todos os tiranos, era um ser desconfiado e temia que pudesse se tratar de uma mistura de ouro e prata. Delegou ao famoso Arquimedes a responsabilidade de investigar se realmente era ouro puro ou não.

Arquimedes conhecia o peso específico do ouro e da prata. Porém, este conhecimento não adiantava muito, enquanto desconhecesse o volume da coroa, o único que poderia indicar para ele se ela pesava o suficiente. Como poderia medir o volume de um objeto tão irregular? Era impossível. Contudo, era sempre perigoso desobedecer às ordens de um tirano. Se pudesse fundir a coroa e colocá-la num recipiente! Esta idéia lhe veio à mente e imaginava que espaço ela ocuparia no recipiente uma vez fundida. Absorvido em seus pensamentos, Arquimedes começou a entrar na sua banheira dando-se conta de que o nível da água da banheira aumentava à medida que introduzia seu corpo. Então exclamou, “*Eureka!*”, e saiu da água. Havia encontrado a solução: não era necessário fundir a coroa porque a água deslocada era igual ao volume do corpo submerso na banheira.

Na mente de Arquimedes, haviam se associado repentinamente duas idéias que até então não estavam conectadas, e esta associação havia se produzido a partir de um elemento comum: ele já sabia que o nível da água de sua banheira aumentava quando entrava nela, observou que não tinha aparentemente nada a ver com o peso específico do ouro e da prata, mas, de repente, em virtude de uma tarefa de difícil execução, ambas as idéias se associaram e uma se converteu na solução da outra. Koestler chama isso de um “ato bissociativo”. O princípio é o seguinte: o ato bissociativo põe em contato duas matrizes sem ligações anteriores.

O que se percebe são as inversões lógicas de algumas descobertas científicas, e há outras inúmeras situações como Galileu Galilei, Pasteur¹⁰ com suas moléculas canhestras e destras, a dinamite de Nobel, a prensa de Gutemberg, quando Kepler une à física e a astronomia, ou quando Einstein bissocia a energia e a matéria, uma e outra mudam de aspecto, assim também como Darwin religa a evolução biológica e a luta pela vida são as matrizes que se sucedem apontados os códigos, quebrando a regra existente, a lógica estabelecida pelo autor, mas quebrada pela bissociação, gerando a descoberta, a criação.

No entanto, temos que analisar que as mudanças, assim, como a ciência, se dão por uma historicidade daquilo que já está posto, criado. Voltamos a Darwin, a sua teoria não aparece por acaso; “antes dele, já se praticava a seleção natural do gado na Inglaterra, desde o século XVIII (correlacionada com a seleção natural): já se falava em concorrência econômica e luta de classes (correlacionadas com sua concorrência vital);

⁹ MACHADO, Carlos José Saldanha. Olhares acadêmicos sobre a invenção e a descoberta nas ciências: uma introdução. Rio de Janeiro. E-PAPERS, 2010.

¹⁰ GLEISER, Marcelo. Criação Imperfeita: Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. Rio de Janeiro: 4ª edição, Record, 2010. pg 268.

admitia-se a evolução da sociedade (correlacionada com a evolução das espécies). Disso tudo estava Darwin muito ciente¹¹”.

Podemos analisar que a criatividade o ato criativo, segundo alguns autores, estão presentes na vida do homem, são atividades ligadas ao cotidiano, ao fazer do homem, ao pensar e intuir para dada ou não solução que se espera, são muitas as relações, movimentos, pluralidades e complexidades que vão sendo descobertas devido a inúmeras técnicas descobertas pelo homem.

O que presenciamos e os exemplos acima citados dizem respeito ao campo das coisas físicas, biológicas, etc. Mas e as descobertas no campo das ciências humanas como elas se expõem? Quais são os seus atos de criação? Na geografia, na pedagogia, filosofia e sociologia, etc.

Para Yázigi a criatividade em geografia pode dar-se sob variadas nuances; enquanto percepção da realidade, enquanto interpretação de sua função, enquanto didática ou meramente, ainda, enquanto forma¹².

Percebemos hoje que as ciências acabaram sendo dividida em muitos campos de análise, isso é visível em geografia, biologia, matemática, e outras ciências que devido o seu desenvolvimento e as novas descobertas científicas e técnicas, se dividiram, tornando os seus profissionais especialistas em dada área do conhecimento, que os profissionais têm dificuldade de conhecer mais a fundo os estudos de um colega.

Essa característica da especialização é muito importante e deve ser retida porque, ao falarmos de criatividade em geografia, importa saber de qual ramo da geografia se trata. Efetivamente, ela perambula de extremo que vão de uma camada geológica ao sistema de produção numa indústria; do cotidiano das pessoas às estratégias políticas... Criar em um de seus subdomínios é antes de mais nada tentar situar-se em sua historicidade¹³.

A história das ciências nos mostra como pode ser diferente e estranho suas descobertas, em muitos campos dos conhecimentos, e vindo de maneira diferente, coisas que estão na essência da criação.

No entanto, as ciências humanas, aqui tratadas, em especial à geografia, correm o risco de não debatermos as mudanças, seus discursos e as interpretações do mundo, livres de padrões, já pré-estabelecidos a partir de uma coletividade científica que são referências fortíssimas de segurança, de sua atividade profissional e emocional. Sendo que para Edward De Bonno, um dos grandes teóricos da criatividade de nossos dias.

Indica que um de nossos principais empecilhos à criatividade está no sistema educacional que recebemos, baseado no sistema sim/não, certo/errado. Nada mais nocivo do que o “ou um ou outro”, porque elimina a possibilidade de espectro, de nuances. Do mesmo modo, grupos em que todos pensam do mesmo modo obstam à criatividade. Isso não quer dizer que são maus ou inconvenientes, mas que, diante de novos problemas, a resposta-padrão impede o surgimento de novas respostas¹⁴.

Esse padrão é persistente no modelo escolar, pois os mesmos seguem uma lógica formal baseado em métodos tradicionais, onde se quer o aluno possa se expressar no diferente, onde as avaliações são partes de um esquema em que se tira sempre uma

¹¹ YÁZIGI, Eduardo. Abdo. Milton e a criatividade. In: Maria Adélia Aparecida de Souza. (Org.). O MUNDO DO CIDADÃO. O CIDADÃO DO MUNDO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996. pg. 400.

¹² idem, pg.405.

¹³ YÁZIGI, Eduardo. Abdo. Milton e a criatividade. In: Maria Adélia Aparecida de Souza. (Org.). O MUNDO DO CIDADÃO. O CIDADÃO DO MUNDO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996. pg. 405.

¹⁴ Idem, pg.408.

média, um ponto, uma somatória, deixando o aprendizado em muitos casos a mercê de memorizações.

A escola em si, tem um significativo papel na criação de oportunidades, vários autores do campo da psicologia e psicanálise, têm apontado a infância como período crucial para o desenvolvimento humano, entre eles, Freud, Piaget, Vygotsky. É na infância que os alunos se assombram com o mundo com o novo, e essa capacidade inventiva e imaginativa tem um forte apelo na esfera da criatividade, é quando a sua mente está em expansão, livre ainda, de pré- conceitos e de ideologias.

E nesse momento da infância e da adolescência que os alunos mediados por seus professores e colegas e pelo meio, possam descobrir seus caminhos. Porém, o que temos muitas vezes, são atividades repetitivas, classes homogêneas, respostas repetitivas e copiadas e restrição ao novo, a inovações a pensamentos criativos.

Exercitar a criatividade não é deixar os alunos soltos a vontade, sem indicar um caminho, é preciso orientação, direcionamento, conteúdo, objetivo, insistência no ato a ser criado.

Para um mundo que se apresenta em constante mudança, complexo e plural o cotidiano é uma leitura do possível, é nele que os grandes artistas tiraram as suas inspirações, Newton, Einstein, Goethe e, é neste mundo que a Geografia enquanto disciplina faz as suas leituras do espaço e da sociedade nas relações de produção. Portanto, é compreendendo a ciência geográfica, mas também, tendo na sua formação a aspiração para o novo, para a criação, que o professor de geografia formará seus alunos para o inesperado, levando-o ao exercício da descoberta.

O professor deve ser formado para lidar com o novo e o inesperado. É importante permitir que o aluno discuta, avalie, reflita sobre conceitos, atividades, expressando suas opiniões sobre a realidade na qual está inserido (HAETINGER, 1998). É preciso oferecer condições para que o aluno se relacione, crie, invente e sinta prazer em aprender. Afinal, como vimos nas definições anteriores, criar é um ato intencional, voluntário e carregado de desejo, mas, para ser mobilizado, demanda oportunidades e incentivos¹⁵.

Esse processo de desenvolver a criatividade deve o professor orientar os alunos a encontrar em seus pensamentos caminhos para o novo, “possibilitando condições para que criem, em um clima aberto e motivador, ajudando a definir estratégias, reconhecendo o potencial e capacidade de cada um e, finalmente, orientando os resultados. Esse processo contribui para auto-aprendizagem por parte dos alunos (LA TORRE, 2003)”¹⁶.

A compreensão implica a habilidade de traduzir a realidade. Como nos coloca Soares (2001). A representação gráfica, pictórica, painéis, cartazes, dramatizações são maneiras fluídas de traduzir a apreensão da realidade. Assim subir escadas de costas é desvelar o primeiro véu da aparência.

O processo de criação como já apontamos é multifacetado, é dado em várias vertentes, tanto do conhecimento, como da criação, no texto exposto acima “Bula” a autora Soares (2001) apoiando-se em Julio Cortázar, desloca-se para o campo da criação, trabalhando de forma criativa a geografia, tirando da poesia e de poemas outra forma de linguagem para o conhecer geográfico.

¹⁵NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, Rosemary do N. Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos, 2009. pg. 144.

¹⁶ Idem, pg.145.

CRIATIVIDADE E AVALIAÇÃO: Para superar o cotidiano.**BULA****PARA SUBIR ESCADAS DE COSTAS¹⁷**

- **Indicação:** Em todos os estados em que há deficiência ou aumento das necessidades de pensar dialeticamente o espaço produzido pela sociedade.
- **Orientação:** A escada deve ser usada por pessoas de todas as idades, sem restrições. Não desaparecendo os sintomas, procure orientação.
- **Reações Adversas (adversas?):** O uso prolongado da escada durante o tratamento faz entender que a realidade é uma totalidade que envolve sociedade e natureza. Deve se mencionado que se observou desigualdades e contradições sociais durante o processo de tratamento.
- **Contra-Indicações:** Ainda não foram relatadas contra-indicações para o uso em quantidades correspondentes às necessidades diárias.
- **Posologia:** Administrar ao menos um degrau por dia, preferencialmente pela manhã. Não interromper o tratamento. Ao final, todos os degraus devem ter sido ingeridos pra chegar-se ao concreto pensado.
- **Forma de apresentação:** O texto “Mau sobre Escaleras”, de Julio Cortázar é para se lido enquanto se sobe uma escada de costas, com as adaptações necessárias à realidade a ser observada, analisada, interpretada e pensada criticamente.
- **Conduta na superdosagem:** Não foi descrita superdosagem com este medicamento. Devido à elevada margem de segurança terapêutica nenhuma precaução é necessária.

ATENÇÃO: Este medicamento deve ser mantido ao alcance de crianças.

Muitos autores, como Kaercher, Callai, Pontuschka, nos apontam alguns caminhos, como a interdisciplinaridade, a música, o teatro a cartografia temática como elementos para superar a geografia tradicional, abordando de forma lúdica a aprendizagem.

Contudo, esse processo de se trabalhar de várias formas um determinado conteúdo, nem sempre é levado à aplicabilidade de forma avaliativa, ele é dado como se fosse o resultado de um trabalho, e apenas exposto ou não. Não há a intenção de se avaliar, o que queremos explicitar é que alguns trabalhos realizados de formas criativas perdem a sua ‘validade’ quando o professor realiza uma avaliação formal, dissertativa ou assertiva, ignorando o trabalho criativo desenvolvido pelos alunos.

A *avaliação construtiva* a qual nos apoiamos para a realização do ensino, entendemos que a avaliação é o ponto mais alto do processo de ensino aprendizagem.

¹⁷ SOARES, Maria L. de A. Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico.2001.pg.110.

Assim, sendo acreditamos que a arte e a geografia no processo de criação resultam na construção da avaliação envolvendo o professor e seus alunos para a compreensão de um determinado “conteúdo” abordado, manifestando-se em instalações geográficas.

O termo utilizado “avaliação construtiva” é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não só com provas e avaliações ou textos, mas sim por um objetivo que leve o aluno a unir o conhecimento ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte, sobre o tema abordado transformando-o e materializando em instalações geográficas, ou seja, como representar o que foi estudado em sala de aula ou campo, essas, por conseguinte atuam nas estruturas mentais por associações, experimentadas e vivenciadas pelo lugar, da apresentação, da sua forma e de seu conteúdo que só se torna possível pela pesquisa objetiva real¹⁸.

Relacionar a geografia com a arte é uma ruptura palpável para a superação do cotidiano, é nas profundezas do pensamento criativo, do ato insano aos olhos do estabelecido que a criação se realiza, é nesse contexto que se apreende a geografia.

Encontramos no espaço a resistência, na escola, na universidade na sala de aula, no movimento das práticas pedagógicas, rasgando o que esta posta pela construção de instalações geográficas, tem-se a vida cotidiana¹⁹:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade genérica a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade, embora esta o absorva preponderantemente.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade.

O entendimento dessa vida cotidiana e para que faça sentido à vida dos alunos na compreensão do espaço geográfico, torna-se necessário encontrarmos fissuras, pelas festas, nos desejos. Como Lefebvre aponta só por uma revolução cultural permanente, para encontrar intervalos, subvertendo o Estado, e o movimento de robô, dado pela eficiência produtiva e de consumo.

Para compreendermos os conceitos da vida cotidiana, cotidiano e cotidianidade mais precisos. Lefebvre exercita²⁰:

Quanto à vida cotidiana, digamos apenas que ela sempre existiu, porém impregnada de valores, de ritos, de mitos. A palavra “cotidiano” designa a entrada dessa vida cotidiana na modernidade: o cotidiano enquanto objeto de uma programação cujo desenrolar é comandado pelo mercado, pelo sistema de equivalências, pelo marketing e a publicidade. Quanto ao conceito da “cotidianidade”, ele ressalta o que é homogêneo, repetitivo, fragmentário na vida cotidiana: os mesmos gestos, os mesmos trajetos...

Presente também em muitas escolas e universidades, as cotidianidades aqui representadas no formato das aulas, de avaliações, ditam de forma homogênea o pensar, o caminhar pedagógico de forma a padronizar num pensamento único o processo de ensino aprendizagem.

E nesse mundo com respostas funcionais, dadas de forma já vivenciadas, denuncia Soares,²¹

¹⁸ RIBEIRO, Emerson. AVALIAÇÃO OU PESCARIA? - POR UMA DISTINTA POSSIBILIDADE DA APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS. Texto apresentado no enpeg 2011, na UFG. Goiânia.

¹⁹ HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. (Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder) 4º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. pg. 17.

²⁰ LEFEBVRE, Henri. In Entrevistas no Le Monde, 1989, pg. 134

onde o homem se movimenta com instintividade mecânica e com sentido da familiaridade e das ações banais. A cotidianidade é uma cotidianidade reificada. É por isso, que ela “se manifesta com anonimidade tirania de um poder impessoal que dita a cada indivíduo seu comportamento, modo de pensar”.

E como romper a cotidianidade? Como por a prova e superar na universidade os mesmos trajetos e gestos.

Para Lukács, há três formas privilegiadas de objetivação na quais os procedimentos homogeneizadores superam a cotidianidade: o trabalho criador, posto como objetivação não-alienada; a arte, como processo de autoconsciência da humanidade; e a ciência, como processo e conhecimento da estrutura objetiva da natureza, da sociedade e do seu intercâmbio²².

Partindo do trabalho criativo, em busca do novo alcançando a realidade para os olhos de alguém, abrindo fissuras nas estruturas já soldadas pelo concebido, os alunos da Universidade Regional do Cariri, sai a campo em busca do outro, do direito a cidade e da saúde para a compreensão do cotidiano, exposto nos traços e rostos dos homens do cariri que vive entregue ao poder público, encontrando-se nas vielas, ruas, e hospitais, na cidade o desejo de uma vida mais saudável.

A OBRA

O que se espera do professor de prática de ensino em geografia? Algo novo sentenciam o aluno.

Mas, o que é o novo em um mundo em corrente transformação? Em que a velocidade da fala segue rompendo barreiras do som e a velocidade da luz. Os dedos já não escrevem mais e sim digitam; os olhos não leem, recebem imagens; os corpos não mais apenas nascem, crescem se transformam e morrem, hoje eles são modificados, são extensões de aparelhos, são próteses; a beleza é comprada em gramas, as curvas e as dobras são tencionadas, puxadas, esticadas são siliconadas e postas a venda, viram notícias em bancas de revistas e programas televisivos, são mercadorias.

Para a compreensão desse mundo é necessário a construção dos saberes, que durante a graduação é de suma importância, quando esta se relaciona com as disciplinas do corpo teórico da geografia (a sua epistemologia) e as disciplinas que carregam na licenciatura para a formação docente, como as de metodologia do ensino, e as de práticas de ensino e estágio supervisionado.

Uma das propostas levada aos alunos de estágio supervisionado da URCA era de compreender a saúde pública na cidade, como essa se manifesta na região do Cariri e de que forma se estabelece no espaço. Antes de entendermos como ocorreu esse trabalho avaliativo, é preciso informar que a região do cariri é formada por vários municípios e os alunos que frequentam essa universidade vem de várias regiões, inclusive de outros estados, portanto os exemplos que vamos colocar dizem respeito não apenas a cidade do Crato a qual se encontra o campus principal da URCA.

²¹ SOARES, Maria L. de A. Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico.2001pg.133.

²² SOARES, Maria L. de A. Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico.2001.pg.134.

Assim, sendo é preciso encontrar uma representação desse conteúdo teórico que envolva a prática da aprendizagem do aluno no espaço, pois, é no espaço que se dá as relações do vivido²³.

Para encontrar essa prática, essa didática, temos que usar da representação da paisagem, do lugar, deslocando-a para outra forma de expressão da linguagem, essas são as instalações por lanternas geográficas. Exemplificando a didática temos:

1. Abordagem por estimulação acerca do que conhecem sobre o assunto retratado, no caso a saúde pública e a cidade;
2. Conteúdos teóricos e delimitação do processo histórico/geográfico e uso de mapas;
3. Ensaios e erros, apresentação de imagens (mapas);
4. Estabelecer relações entre fatos e conceitos;
5. Questionamentos a respeito do tema, competências e habilidades apuradas;
6. Texto escrito abordando as bibliografias sugeridas;
7. Discussão do texto em sala;
8. Avaliação, instalações (processo de construção).

Figura 1 - Sofá boiando, devolução ingrata a natureza. (rio Salgadinho, Juazeiro do Norte/CE)



Fonte: Luciano Alves Gadelha, aluno de graduação.
URCA. Em 06/2011.

Figura 2 - A espera de um milagre, jogados a própria sorte (Centro do Crato/CE)



Fonte: Yngrid Erica S. Santos, aluna de graduação.
URCA. Em 06/2011.

²³ Henri, LEFEBVRE. O direito a cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

Diante do exposto tratando da abordagem, os alunos passam a verificar que são várias as situações que remetem a qualidade de vida e a saúde pública, e não apenas ter hospitais ou posto de saúde que torna uma cidade auto-suficiente. O desemprego, a qualidade da moradia, da educação e a falta de saneamento básico são elementos para a não contribuição da saúde pública de uma cidade. Que para Adriano²⁴

A qualidade de vida de uma população depende de suas condições de existência, do seu acesso a certos bens e serviços econômicos e sociais: emprego e renda, educação básica, habitação, transporte de boa qualidade etc. É bom lembrar que o conceito de bem estar, de qualidade de vida, varia de sociedade para sociedade, de acordo com cada cultura.

Partindo da obra “Revolução Urbana” de Lefebvre, os alunos foram capazes de retratar e compreender a cidade e seus diversos significados e seus contrastes, podendo encontrar²⁵

Quantas pessoas percebem “perspectivas”, ângulos e contornos, volumes, linhas retas ou curvas, mas não podem ver, nem conceber, percursos múltiplos, espaços complexos! Não podem saltar do cotidiano – fabricado segundo as coações da produção industrial e do consumo dos produtos da indústria – para o urbano, que se libertaria desses determinismos e coações.

Foi nesse contexto, que os alunos abordaram a saúde e a cidade, partindo de uma compreensão maior, realizando não só a descrição, observação, análise e contextualização, mas revendo os seus olhares sobre a cidade e a saúde pública, encontrando os seus atores para que fosse realizada a construção de sua avaliação encontrando na arte a sua geografia, inspirada no cotidiano.

Neste momento, a da avaliação, que as instalações deve se manifestar, a criação e o criador se encontram no espaço, pois exige do aluno além da aprendizagem a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante todo o processo de criação, repetimos relação por contrastes.

Nesse exemplo os objetos a ser utilizado para representar o conteúdo proposto são:

- Uma lata de 26 l.
- Foto preto e branco (4) essas capturadas em campo com texto explicativo.
- Barbante, cola e outros materiais.
- E o fundamental, a criatividade, para montagem e captura das fotos.

Nessa construção os alunos vão se deparar com um problema, como representar o que foi estudado, em uma lata de 26 l? Essa avaliação se deu individualmente, que irá envolver atitudes, compromisso, formas de lidar com o processo avaliativo, criação e discussão envolvendo o grupo, a família passa a ser consultada e em alguns casos se envolvem no conteúdo abordado, liderança, materiais a serem arranjados, etc.

²⁴ ADRIANO, Jaime Rabelo. et. al. A construção de cidades saudáveis: uma qualidade viável para a melhoria da qualidade de vida? In. Ciência. Saúde Coletiva. Vol. 5. Nº 1. Rio Janeiro. pg.52.

²⁵ LEFEBVRE, Henri. Revolução Urbana. Ed. UFMG. Belo Horizonte. pg. 38.

Figura 3 - Aluna preparando o seu trabalho, a lanterna geográfica.



Fonte: Érica Angelim, aluna de graduação URCA.
Em 06/2011.

Figura 4 - Em sala alunos e professor verificando a montagem das fotos e textos produzidos, para a exposição.



Fonte: Ivanildo Ferreira dos Santos, aluno de graduação URCA. Em 06/2011.

Figuras 5 e 6 - As lanternas geográficas em exposição.



Fonte: Ivanildo Ferreira dos Santos, aluno de graduação (URCA). Em 06/2011

Quando pronto esse trabalho avaliativo dos alunos, estes são expostos na forma de instalações e, a relação do público (outros alunos da universidade, professores e funcionários, etc.) participa dessa interação, desse movimento, num ato de aprendizado.

REMATE

O processo de ensino aprendizagem requer método. Requer também criação, conteúdo e abordagem correta do professor. Acreditamos que para a superação da geografia tradicional ainda presente na escola e, sobretudo na universidade, é necessário passar pelo ato criativo.

Não será possível superarmos a geografia posta nas escolas e nas universidades se os professores que estão em formação não acreditarem que é possível haver mudança no processo de ensino aprendizagem. É necessário ousarmos em realizar atividades que saiam do “chão”, já vamos encontrar por muitos anos a mesma escola, com a mesma prática pedagógica, a mesma geografia e essa sem recheio, sem gosto.

Esse trabalho se fundamenta na criação, na construção do processo avaliativo, do saber do aluno, no seu processo de conhecimento. Essa construção não se dá apenas pelo ato da escrita numa folha, em que o professor coloca apenas as perguntas e o aluno dá a resposta, o aluno é levado a construir, com pesquisa, junto com o professor o seu processo de conhecimento, o seu processo avaliativo, que se manifesta no espaço, num dado lugar, no pátio ou não da escola ou universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANO, Jaime Rabelo. et. al. A construção de cidades saudáveis: uma qualidade viável para a melhoria da qualidade de vida? In. **Ciência**. Saúde Coletiva. Vol. 5. Nº 1. Rio Janeiro. 2000.

GLEISER, Marcelo. Criação **Imperfeita**: Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. Rio de Janeiro: 4ª edição, Record, 2010.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. (Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder) 4º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Revolução Urbana**. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1999.

_____. **La presencia y la ausencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

_____. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MACHADO, Carlos José Saldanha. **Olhares acadêmicos sobre a invenção e a descoberta nas ciências**: uma introdução. Rio de Janeiro. E-PAPERS, 2010.

NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, **Rosemary do N. Psicologia da aprendizagem**: teorias e contextos, 2009

RIBEIRO, Emerson. **Avaliação ou pescaria?** - por uma distinta possibilidade da aprendizagem em geografia na construção de instalações geográficas. Texto apresentado no enpeg 2011, na UFG. Goiânia.

SOARES, Maria L. de A. **Girassóis ou Heliantos**: maneiras criadoras para o conhecer geográfico. 2001

KOESTLER, Arthur. **Le cri d'Archimède**. Paris: Clamann-Lévy. 1965

YÁZIGI, Eduardo. Abdo. . Milton e a criatividade. In: Maria Adélia Aparecida de Souza. (Org.). **O mundo do cidadão: o cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, v., p. 396-425.

Trabalho enviado em Outubro de 2011

Trabalho aceito em Dezembro de 2011

75